

## Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Ovina no Mundo em 2023

Esposito Cezário Martins, engenheiro-agrônomo, Pesquisador, Embrapa Caprinos e Ovinos, Sobral, CE

Cícero Cartaxo de Lucena, engenheiro-agrônomo, Analista, Embrapa Caprinos e Ovinos, Sobral, CE

### Produção Mundial de Carne Ovina

A produção mundial de carne ovina foi de 11,53 milhões de toneladas em 2023 (FAO, 2025). A China produz 24,39% do total produzido e é de longe o maior produtor mundial, seguida por Índia e Austrália que produzem 9,90% e 7,36%, respectivamente. Observa-se que os 10 maiores produtores de carne ovina produzem aproximadamente 63% da produção mundial, apontando que a produção de carne ovina está bem concentrada nestes países. O Brasil produziu 109.974,20 toneladas em 2023, o que representa 0,95% da produção mundial (Tabela 1). O número de animais abatidos em 2023 foi de 695.482.44 cabeças de ovinos. A China abateu aproximadamente 25% desses animais e é de longe o país que mais abate ovinos no mundo, seguida por Índia, Austrália, Turquia e Nova Zelândia, que abateram 9,9%, 7,3%, 4,9% e 3,8%, respectivamente (Tabela 1).

**Tabela 1.** Os 10 países maiores produtores de carne ovina em 2023.

#	País	Quantidade produzida (toneladas)	Animais abatidos (cabeças)	Rendimento de carcaça (kg)	Participação individual (%)	Participação acumulada (%)
1.	China	2.812.600,25	207.777.960	13,54	24,39	24,39
2.	Índia	1.141.450,00	69.556.223	16,41	9,90	34,29
3.	Austrália	849.249,00	34.798.100	24,41	7,36	41,65
4.	Turquia	569.065,71	25.437.813	22,37	4,93	46,58
5.	Nova Zelândia	442.115,00	21.537.770	20,53	3,83	50,42
6.	Argélia	360.039,13	18.326.415	19,65	3,12	53,54
7.	Reino Unido	286.000,00	13.928.500	20,53	2,48	56,02
8.	Sudão	266.262,88	15.086.858	17,65	2,31	58,33
9.	Paquistão	253.000,00	15.524.000	16,30	2,19	60,52
10.	Uzbequistão	243.500,00	9.640.478	25,26	2,11	62,63
	...	...	...	...	...	...
	Brasil	109.974,20	6.872.479	16,00	0,95	63,59
	Outros	4.199.544,70	256.995.818	16,34	36,41	100,00
	<b>Mundo</b>	<b>11.532.800,90</b>	<b>695.482.414</b>	<b>16,58</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: FAOSTAT. Base de Dados Estatística. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2025).

A alta concentração da produção mundial de carne ovina em poucos países decorre de uma combinação de fatores determinantes como os climáticos, econômicos, culturais e institucionais. Em relação aos fatores

Boletim Nº 28 | Sobral, CE, abril, 2025. Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Caprina no Mundo em 2023.



climáticos, países como Austrália e Nova Zelândia dispõem de vastas áreas de pastagens naturais, com clima temperado e solos adequados ao manejo extensivo de ovinos. Essas condições permitem baixos custos de reposição de alimento e menor investimento em instalações de confinamento. Em regiões áridas ou semiáridas (por exemplo, Norte da África, partes do Oriente Médio), os ovinos são muitas vezes uma das poucas espécies de ruminantes com viabilidade econômica, tornando a produção ovina muito presente nestes países.

A economia de escala e a especialização da produção é outro fator determinante e muito presente em países com grande tradição na produção de ovinos como a Austrália e a Nova Zelândia, que atingiram elevado grau de especialização ao longo de décadas, contando com sistemas de produção intensivos em genética, sanidade animal e manejo rotativo de pastagens. Isso reduz os custos médios por quilo de carcaça e aumenta a competitividade nos mercados de exportação. Em contraste, países com produção fragmentada (muitos pequenos criadores) enfrentam custos de manejo e comercialização mais altos, o que dificulta competir em preço e volume de produção.

A tradição cultural e os padrões de consumo são também elementos essenciais que ajudam a explicar a presença predominante de rebanho ovino, especialmente, nos países de população árabe e ou muçumana. Em nações onde o consumo de carne ovina faz parte da identidade cultural e religiosa, há forte demanda interna pela carne ovina como proteína animal. Isso tem estimulado o investimento em criação de ovinos, mesmo que o rendimento de carcaça por animal seja relativamente abaixo dos países exportadores. No Brasil, onde a preferência de mercado é historicamente voltada à bovinocultura de corte, o desenvolvimento da ovinocultura ainda é fragmentado na agricultura familiar e enfrentam muitos desafios tecnológicos em seus sistemas de produção e comercialização.

Em países onde se desenvolveu infraestrutura para acesso a mercados de exportação, a ovinocultura se expandiu e alcançou status de commodities. A proximidade com portos, sistemas de certificação de abate e acordos comerciais favoreceram a ampliação da produção. A Austrália e Nova Zelândia, por exemplo, dominam o comércio global de carne ovina refrigerada/congelada, atendendo mercados europeus, chinês e do Oriente Médio. Os países que carecem dessa infraestrutura sofrem gargalos logísticos, o que limita sua participação no comércio internacional e, conseqüentemente, o incentivo para expandir os rebanhos.

Ademais, aspectos institucionais, como políticas públicas, programas de pesquisa e assistência técnica e extensão rural são fatores que também influenciam o crescimento da ovinocultura. Países onde a ovinocultura tem alcançado maior grau de desenvolvimento, os investimentos governamentais em melhoramento genético, sanidade animal e extensão rural elevaram o potencial produtivo. Onde faltam esses programas, a produtividade por animal e a eficiência de custos permanecem baixas, desencorajando a expansão em larga escala.

Em termos socioeconômicos, nos sistemas de agricultura familiar, a ovinocultura muitas vezes cumpre função de subsistência, com baixa integração a mercados formais, o que não contribui para ganhos de escala, reforçando a dominância de poucos players no mercado mundial de carne ovina. Em síntese, o perfil dos líderes na produção de carne ovina é explicado pela grande dimensão dos rebanhos (China e Índia), pela eficiência e acesso a mercados (Austrália e Nova Zelândia) e pelos países com forte demanda e tradição interna de consumo localizados na região do Norte da África e no Oriente Médio, fazendo com que aproximadamente 60% da produção mundial de carne ovina estejam concentradas em dez países produtores.

Boletim Nº 28 | Sobral, CE, abril, 2025. Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Caprina no Mundo em 2023.

## Produção de Miúdos, Gorduras Não-Processadas e Peles

As miudezas comestíveis de ovinos podem ser categorizadas como vermelhas ou brancas. As miudezas vermelhas incluem coração, fígado, rim, língua, baço e testículos. Já as miudezas brancas incluem estômago, pulmões, pâncreas, timo, intestinos, cérebro, bochechas e cauda e, requerem maior tratamento térmico antes do consumo. A produção mundial de miudezas comestíveis de ovinos, frescas, refrigeradas ou congeladas foi da ordem de 1,98 milhões de toneladas em 2023 (FAO, 2025). A China produz cerca de 28% da produção, seguida por Índia e Austrália que produzem 7,23% e 5,46%, respectivamente. O Brasil produziu 20,7 mil toneladas em 2023, o que representa 1,04% da produção mundial de miudezas de ovinos (Tabela 2).

**Tabela 2.** Os 10 países maiores produtores de miúdos, gorduras não-processadas e peles ovina em 2023.

#	País	Quantidade de Miúdos (toneladas)	Quantidade de Gorduras (toneladas)	Quantidade de Peles (toneladas)	Participação produção de miúdos (%)	Participação produção de gorduras (%)	Participação produção de peles (%)
1.	China	562.520,05	120.540,01	631.400,03	28,28	18,87	28,80
2.	Índia	143.738,15	48.617,31	173.331,30	7,23	7,61	7,91
3.	Austrália	108.703,87	95.115,89	186.834,78	5,46	14,89	8,52
4.	Turquia	73.719,88	37.506,60	103.466,49	3,71	5,87	4,72
5.	Paquistão	70.840,00	19.734,00	55.660,00	3,56	3,09	2,54
6.	Sudão	58.577,83	8.520,41	39.939,43	2,94	1,33	1,82
7.	Nova Zelândia	54.822,26	27.411,13	80.464,93	2,76	4,29	3,67
8.	África do Sul	48.571,43	2.000,00	20.285,71	2,44	1,95	0,93
9.	Irã	46.070,89	32.772,08	39.421,48	2,32	5,13	1,80
10.	Argélia	45.555,97	8.817,28	56.577,58	2,29	1,38	2,58
	...	...	...	...	...	...	...
	Brasil	20.749,85	3.527,48	19.504,86	1,04	0,55	0,89
	Outros	755.391,28	198.749,81	339.985,70	37,97	31,11	64,17
	<b>Mundo</b>	<b>1.989.261,46</b>	<b>638.842,90</b>	<b>2.192.269,95</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** FAOSTAT. Base de Dados Estatística. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2025).

### 1. Características do mercado mundial de miúdos de ovinos

Os miúdos de carne ovina costumam ser vendidos “*in natura*” ou congelados, com preços sensivelmente inferiores aos cortes originados da carcaça (carne). Em muitos países os preços acompanham a sazonalidade dos abates (festas religiosas ou períodos de pico no consumo), o que provoca volatilidade dos preços deste produto. Em mercados regulados como a União Europeia, Austrália e Nova Zelândia, há uma garantia dos padrões sanitários que permitem exportações para países de alta demanda, mas a maior parte do miúdo é consumida internamente, em mercados de cadeia curta, como os mercados e feiras locais, como iguarias regionais, como por exemplo, a buchada, a dobradinha, o sarapatel, dentre outros, que são tradicionais na culinária nordestina. Miúdos são considerados “produtos de categoria 3” em sistemas de vigilância sanitária, exigindo cadeias de frio contínuas e cumprimento de regras de rastreabilidade. Grande parte do miúdo exportável são produzidos na Austrália e Nova Zelândia, que possuem logística estruturada para exportar

para União Europeia, Oriente Médio e Ásia. A China é praticamente autossuficiente e consome internamente quase todo o seu miúdo, com mínima importação, com participação na exportação de tripas (envoltórios naturais) para países com tradição no mercado dedicado às charcutarias e embutidos.

Os miúdos de ovinos têm ampla aplicação na indústria alimentícia, os quais podem ser utilizados *in natura* e congelados, comercializados inteiros ou cortados (fígado em filés, rins fatiados) diretamente em estabelecimentos como mercearias, açougues e supermercados. Outra forma de uso dos miúdos é em forma de processados e ingredientes, em produtos como os patês e mousses: fígado transformado em patê; embutidos: uso de tripas naturais como invólucro para linguças; e extratos e hidrolisados: usados como realçadores de sabor em caldos, sopas e snacks. Em resumo, o mercado de miúdos ovinos é volumoso, mas de preço baixo, dominado por grandes produtores que atendem mercados internos e externos. Na indústria, miúdos viram ingredientes proteicos e realçadores de sabor; na cozinha, aparecem em pratos tradicionais de diversas culturas e vêm ganhando espaço na alta gastronomia graças ao movimento de aproveitamento integral do animal.

Por sua vez, a gordura ovina não-processada é um ingrediente usado na culinária e confere um sabor rico e autêntico aos pratos sem dominar outros ingredientes. A gordura ovina pode ser usada como alternativa à gordura vegetal ou à banha e, possui alto ponto de defumação, o que a torna ideal para cozinhar e fritar em fogo alto. Segundo a FAO (2025), a produção mundial de gordura ovina não-processada foi da ordem de 638,8 mil toneladas em 2023. A China produz cerca de 19% do total, seguida por Austrália e Índia que produzem 14,89% e 7,61%, respectivamente. O Brasil produziu cerca de 3,5 mil toneladas de gordura ovina não-processada em 2023 (Tabela 2).

Com relação à produção de peles de ovinos, o mundo produziu cerca de 2,19 milhões de toneladas em 2023 (FAO, 2025). A China foi a responsável por cerca de 29% deste total, seguida por Austrália (8,5%), Índia (7,9%), Turquia (4,7%) e Nova Zelândia (3,6%). Em 2023, o Brasil produziu 19.504,86 toneladas de pele ovina, correspondente a 0,89% da produção mundial (Tabela 2). O mercado mundial de peles ovinas convive com uma estrutura de oferta de duplo perfil, de um lado, pequenos criadores dispersos (que juntos geram a maior fatia) e, de outro, grandes operações integradas (curtumes altamente especializados) que reúnem qualidade, logística e escala para abastecer o comércio internacional.

A dinâmica de preços e sazonalidade variam de acordo com o tipo de produto, peles cruas (*wet-salted*) têm preço bem inferior ao couro acabado (*wet-blue*), que são matéria-prima para indústria de calçados e vestuários, transportados geralmente em bobinas ou peças inteiras, conforme especificações de gramatura e aparência. A pele com lã ainda aderida (*shearling*) transforma-se em casacos, jaquetas, coletes e chapéus, valorizados pelo isolamento térmico e toque macio. As peças de moda *premium* são as que mais agregam valor como as empregadas em alta-costura e “*casual luxury*”. Outras aplicações são encontradas na indústria de acessórios, tais como luvas, bolsas, bolsas-porta-moedas e cintos, que exploram a textura e o aspecto rústico com acabamentos naturais.

Outro fator de crescimento significativo da comercialização da pele ovina é a demanda sazonal por botas de pele de cordeiro (*sheepskin boots*), especialmente em regiões com invernos rigorosos. As propriedades isolantes naturais da pele de cordeiro tornam essas botas altamente eficazes em manter os pés aquecidos durante o tempo frio, aumentando a sua popularidade. Além disso, os avanços no processamento da pele de cordeiro estão aprimorando a qualidade dos produtos, impulsionando a demanda do consumidor.

Boletim Nº 28 | Sobral, CE, abril, 2025. Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Caprina no Mundo em 2023.

## Comércio Internacional de Carne Ovina Fresca ou Refrigerada

### Principais Países Exportadores

Segundo a FAO (2025), no ano de 2023 o mundo exportou 1,36 milhões de toneladas de carne ovina fresca ou refrigerada. O maior exportador de carne ovina em quantidade foi a Austrália, responsável por cerca de 42% da exportação mundial, seguida pela Nova Zelândia e Reino Unido, que exportaram 28% e 6%, respectivamente. Os 10 maiores países exportadores de carne ovina são responsáveis por 91,7% da exportação mundial. Em termos de valores monetários, a exportação mundial de carne ovina movimentou USD 8,24 bilhões de dólares americanos. O maior exportador de carne ovina em valor foi a Austrália, responsável por cerca de 36% do valor das exportações, seguida pela Nova Zelândia e Reino Unido, que representaram 28% e 8%, respectivamente, do valor das exportações da carne ovina em 2023 (Tabela 3).

**Tabela 3.** Os 10 países maiores exportadores de carne ovina no mundo em 2023.

#	País	Exportação de carne caprina (toneladas)	Valor de exportação (1.000 USD)	Valor médio da carcaça (USD/tonelada)	Participação individual (%)	Participação acumulada (%)
1.	Austrália	574.236,04	2.957.619,00	5.150,53	42,18	42,18
2.	Nova Zelândia	384.251,90	2.280.145,00	5.933,98	28,22	70,40
3.	Reino Unido	84.513,71	679.301,00	8.037,76	6,21	76,61
4.	Irlanda	52.781,30	422.821,00	8.010,81	3,88	80,48
5.	França	49.999,96	405.524,00	8.110,49	3,67	84,16
6.	Espanha	41.608,46	268.827,00	7.968,35	3,06	87,21
7.	Holanda	33.736,86	351.821,00	8.455,52	2,48	88,71
8.	Uruguai	20.446,95	90.191,00	4.410,98	1,50	90,22
9.	Tanzânia	10.974,21	51.232,00	4.668,40	0,81	91,02
10.	Bélgica	10.111,68	118.662,00	11.735,14	0,74	91,76
...	...	...	...	...	...	...
	Brasil	97,58	952,00	9.756,10	0,01	91,77
	Outros	98.833,11	6.983.597,93	6.274,38	7,26	100,00
#	Mundo	1.361.494,18	8.246.259,00	6.056,77	100,00	100,00

Fonte: FAOSTAT. Base de Dados Estatística. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2025).

A participação do Brasil no mercado de exportação de carne ovina ainda é muito incipiente, tendo sido registrado apenas cerca de 100 toneladas exportadas em 2023 e a movimentação de USD 952.000 dólares americanos, o que coloca o país na condição de importador de carne ovina. O Brasil, apesar de ter rebanho ovino significativo em termos absolutos, não figura no ranking dos exportadores mundiais de carne de ovinos, em grande parte pelos fatores a seguir:

*Foco no Mercado Interno:* grande parte da produção é direcionada ao consumo doméstico nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste, onde miúdos e carnes de ovinos atendem à culinária regional. A ausência de uma estratégia de exportação faz com que os criadores e frigoríficos priorizem vendas locais e preços muitas vezes mais baixos, porém mais rápidos de comercializar a produção.

Boletim Nº 28 | Sobral, CE, abril, 2025. Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Caprina no Mundo em 2023.

*Baixa Escala e Fragmentação da Produção:* o setor brasileiro de ovinos é composto majoritariamente por produtores de pequeno e médio porte, espalhados e pouco verticalizados, dificultando a agregação de lotes homogêneos e em quantidades que atendam às exigências de grandes compradores internacionais. Há poucos *clusters* integrados (fazendas → frigoríficos → exportadores) como os vistos na Austrália ou Nova Zelândia, o que eleva os custos de logística e comercialização.

*Infraestrutura e Logística Insuficientes:* poucos frigoríficos habilitados oficialmente pelo MAPA para exportar carne ovina, somado as grandes distâncias regionais até os portos com infraestrutura adequada para contêineres refrigerados e pouca frequência de embarques dedicados a carne ovina, encarecendo o frete por quilo embarcado.

*Certificação Sanitária:* embora o Brasil seja reconhecido para exportação de carne bovina, suínos e aves, as plantas de abate de ovinos enfrentam dificuldades para obtenção da certificação sanitária. O processo de habilitação de novos estabelecimentos é demorado e oneroso, consumindo recursos que pequenos frigoríficos não estão dispostos a investir sem garantia de escala.

*Competitividade de Preço e Qualidade:* os grandes produtores do hemisfério Sul (Austrália, Nova Zelândia) beneficiam-se de pastagens extensivas de alto rendimento, genética focada em carcaça, e manejo otimizado, garantindo custo de produção muito inferior ao brasileiro. No Brasil, os rebanhos possuem baixo rendimento de carcaça (rendimento de carcaça por cabeça inferior à média), conferindo altos custos de produção, prejudicando a formação de preços competitivos no mercado internacional.

*Ausência de Políticas Públicas Específicas:* não existem programas governamentais de fomento à ovinocultura exportadora, como por exemplo, comparáveis ao “*Sheep Industry Development*” da Austrália, que subsidiam melhoramento genético, extensão rural e certificação de frigoríficos. A articulação entre produtores, sindicatos rurais e ministérios raramente foca em abertura de novos mercados para carne ovina.

*Marketing Internacional Limitados:* falta de uma marca para carne ovina brasileira e de feiras/clientes internacionais habituados a comprar o “*Australian lamb*” e ou “*New Zealand lamb*”. Pouca participação em eventos e rodadas de negócios específicos de ovinos, o que faz com que compradores não considerem o Brasil como fornecedor. Em conjunto, esses fatores tornam o Brasil um produtor com forte presença interna, mas sem a estrutura — em escala, qualidade certificada, logística e políticas de apoio — necessária para competir e ganhar espaço no mercado global de exportação de carne ovina.

## Principais Países Importadores

Segundo a FAO (2025), em 2023 o mundo importou 1,30 milhões de toneladas de carne ovina fresca ou refrigerada. O maior importador mundial de carne ovina em quantidade foi a China, responsável por cerca de 35% das importações mundiais de carne ovina, seguida pela França que importou 9,14% e pelos Estados Unidos da América que importaram 8,73% da carne ovina. Os 10 países maiores importadores de carne ovina são responsáveis por aproximadamente 72% de toda a importação mundial.

Em termos de valores monetários, a importação mundial de carne ovina movimentou USD 8,25 bilhões de dólares americanos em 2023. O maior valor de importação foi registrado na China, que importou aproximadamente USD 1,9 bilhão e foi responsável por cerca de 23% do valor de toda a carne ovina importada

Boletim Nº 28 | Sobral, CE, abril, 2025. Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Caprina no Mundo em 2023.

em 2023, seguida pelos Estados Unidos (14%) e pela França (11,5%) (Tabela 4). O Brasil importou aproximadamente 4,28 mil toneladas de carne ovina em 2023, equivalente a USD 28,8 milhões de dólares americanos dispendidos com a importação de carne ovina, o que representa 0,33% da movimentação financeira com as importações de carne ovina naquele ano (Tabela 4).

**Tabela 4.** Os 10 países maiores importadores de carne ovina no mundo em 2023.

#	País	Importação de carne ovina (toneladas)	Valor de importação (1.000 USD)	Valor médio da carcaça (USD/tonelada)	Participação individual (%)	Participação acumulada (%)
1.	China	452.558,00	1.908.010,00	4.216,00	34,79	34,79
2.	França	118.923,90	950.865,00	7.995,58	9,14	43,93
3.	Estados Unidos	113.545,05	1.163.466,00	10.246,73	8,73	52,66
4.	Reino Unido	48.470,08	302.809,00	6.247,34	3,73	56,38
5.	Emirados Árabes Unidos	46.351,44	306.153,00	6.605,04	3,56	59,95
6.	Alemanha	39.400,80	407.422,00	10.340,45	3,03	62,98
7.	Malásia	36.995,82	169.309,00	4.233,17	2,84	65,82
8.	Holanda	29.654,18	310.874,00	10.483,31	2,28	68,10
9.	Itália	28.538,88	208.466,00	7.304,63	2,19	70,29
10.	Coréia	25.596,11	211.287,00	8.254,65	1,97	72,26
	...		...	...	...	...
	Brasil	4.280,75	28.828,00	6.734,33	0,33	72,59
#	Outros	356.566,36	2.255.917,00	6.326,78	27,74	100,00
#	Mundo	1.300.881,37	8.251.437,00	6.342,96	100,00	100,00

**Fonte:** FAOSTAT. Base de Dados Estatística. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2025).

A importação de carne ovina pelo mercado da China pode estar associada ao déficit estrutural de oferta, isto é, embora seja o maior produtor mundial de carne ovina, os produtores chineses ainda não atendem toda a sua demanda do mercado consumidor interno, especialmente de cortes *premium* e de cordeiro jovem. Isso cria um gap que é suprido por importações de Austrália e Nova Zelândia. Este movimento é impulsionado pelo crescente poder aquisitivo, aumento da classe média, mudanças de hábitos de consumo em busca por alimentos mais saudáveis e o maior interesse pela diversificação proteica, incluindo a carne de cordeiro, culminando na ampliação do espaço da carne ovina em cardápios de restaurantes, nos supermercados e na mesa do consumidor chinês.

No caso da União Europeia, os grandes volumes de importação estar associados à elevada tradição de consumo em países como França, Espanha, Itália e Reino Unido têm consumo *per capita* significativo de cordeiro, ligado a festividades (Páscoa, Natal) e à culinária tradicional. Ademais, a queda na produção interna de ovinos nos países europeus aumenta a dependência de importações. Outro ponto a ser considerado é os mecanismos de quotas e tarifas adotados pela EU, que mantém cotas de importação de carne ovina de países terceiros a tarifas reduzidas, estimulando a entrada de volumes dentro desses limites e protegendo o mercado



interno. Adicionalmente, alguns países da União Europeia atuam como um hub de canais de distribuição da carne ovina, majoritariamente redistribuindo a carne ovina para outros países do bloco europeu.

A importação dos Estados Unidos está condicionada ao declínio da produção doméstica, onde o abate anual de ovinos caiu nas últimas décadas, mantendo o consumo per capita em torno de 0,70 kg, mas forçando dependência de importações que já respondem por mais da metade do suprimento do mercado consumidor americano. A segmentação de demanda é outro fator que impulsiona as importações, que além do crescimento dos consumidores de cortes “gourmet”, devem atender os nichos de mercados étnicos, especialmente as populações migrantes do mediterrâneo e do Oriente Médio.

Nos Emirados Árabes Unidos, mas também em outros país do Golfo Pérsico, com o clima desértico e quase nenhuma produção local, os EAU majoritariamente importam toda a carne ovina consumida naquele país, se destacando como o quinto maior importador de carne ovina do mundo em 2023, com cerca de 46 mil toneladas. Nestes países, o pico da demanda está concentrado na época das festas religiosas, onde os consumos máximos ocorrem durante o Ramadã e no Eid al-Adha, conhecida como a Grande Festa ou Festa do Sacrifício, que sucede a realização do haje (peregrinação a Meca), quando pratos à base de cordeiro são centrais em celebrações familiares e em bufês de hotéis. Os portos e zonas francas do EAU, como o porto de Jebel Ali e as Zonas de Livre Comércio oferecem infraestrutura de frio, desembaraço aduaneiro acelerado e armazenagem para reexportação ao restante do Golfo e Oriente Médio.

Apesar das peculiaridades destes países, em todos os casos, um denominador comum para figurarem como importador da carne ovina é a limitação da produção interna frente à demanda crescente e/ou segmentada, combinada com padrões sanitários rigorosos, mecanismos de cotas/tarifas e logística refrigerada que privilegia fornecedores capazes de garantir qualidade e confiabilidade de entrega.

## Comércio Internacional de Animais Vivos

Segundo a FAO (2025), o mundo exportou 25,11 milhões de cabeças de ovinos vivos durante o ano de 2023. O maior exportador de animais vivos é o Sudão que foi responsável por cerca de 38% dos ovinos exportados em 2023, seguido pela Somália e pela Romênia que exportaram 14% e 9%, respectivamente. Observa-se que os 10 maiores exportadores são responsáveis por aproximadamente 84% aproximadamente da exportação mundial de ovinos vivos. Ainda segundo a FAO (2025), o mundo importou 25,7 milhões de cabeças de ovinos vivos durante o ano de 2023. Chama a atenção participação da Arábia Saudita que foi o maior importador de ovinos vivos respondendo por cerca de 62% de todos os ovinos vivos importados em 2023, seguida pela Jordânia e pela Itália que importaram 4% e 3%, respectivamente (Tabela 5).

Os fatores que explicam o perfil dos países exportadores de ovinos vivos podem estar associados às condições agroclimáticas e tradicionalismo pastoril destes países. O Sudão e a Somália possuem vastas áreas de pastagens naturais, baixíssimo custo de alimentação e tradição secular de criação extensiva, permitindo abarcar milhões de cabeças de ovinos a preços competitivos. A Espanha e França, além da forte produção interna, têm fácil acesso ao mercado do Norte da África via transporte terrestre e marítimo curto, aproveitando acordos regionais. A Austrália, embora distante, opera uma logística marítima consolidada de ovinos vivos para o Oriente Médio e Sudeste Asiático, com navios especializados.

Por outro lado, os fatores que explicam o perfil dos países importadores de ovinos vivos, podem estar associados as demandas de consumo, sobretudo, aos rituais adotados em festividades religiosas. A Arábia Saudita, centro do Hajj e Eid al-Adha, suprindo a necessidade de sacrifícios rituais e abastecimento de celebrações familiares, importa mais de 15 milhões de cabeças, cerca de 60% das importações de ovinos vivos do mundo em 2023. A Jordânia, Omã e Kuwait se destacam também como principais importadores mundiais de ovinos vivos, mercado estratégico para manter frescor extremo e customização de cortes locais, garantindo perfil de carcaça desejado pelo consumidor mulçumano.

Além da demanda já supramencionada, a importação de ovinos vivos está atrelada também ao déficit de produção doméstica destes países. Os países do Golfo Pérsico não possuem pastagens suficientes, resultando em importação quase total de ovinos vivos para abate imediato. A África do Sul, apesar de produtora, importa grandes quantidades de animais vivos para cruzamentos e reposição de rebanhos a preços baixos provenientes de países vizinhos como a Namíbia e Botsuana.

Em síntese, o comércio mundial de ovinos vivos é marcado pela grande complementaridade entre regiões de produção extensiva com baixo custo (África Oriental, Leste Europeu, especialmente, Romênia e Hungria) e mercados consumidores com necessidades específicas - culturais, religiosas ou de qualidade genética - dispostos a pagar prêmios consideráveis por animais vivos. A dinâmica reúne fatores agroclimáticos, logísticos, sanitários e socioculturais, resultando em altos índices de concentração tanto na exportação (Sudão e Somália) quanto na importação (Arábia Saudita).

**Tabela 5.** Os 10 países maiores exportadores e importadores de carne ovina no mundo em 2023.

Exportação de Ovinos Vivos				Importação de Ovinos Vivos			
País Exportador	Animais vivos (cabeças)	Valor exportação (1.000 USD)	Preço Médio (USD/cabeça)	País Importador	Animais vivos (cabeças)	Valor importação (1.000 USD)	Preço Médio (USD/cabeça)
Sudão	9.615.260	613.786	63,83	Arábia Saudita	15.871.533	1.134.722	71,49
Somália	3.567.372	261.157	73,21	Jordânia	974.151	204.800	210,23
Romênia	2.331.032	308.034	132,14	Itália	768.662	92.766	120,69
Espanha	1.495.683	218.930	146,37	Omã	644.386	79.301	123,06
Austrália	684.287	49.020	71,64	Kuwait	644.036	127.821	198,47
Namíbia	626.017	33.255	53,12	África do Sul	627.669	38.620	61,53
Irã	547.567	98.839	180,51	Grécia	594.367	41.496	69,82
França	491.421	52.160	106,14	Espanha	500.930	24.051	48,01
Portugal	463.723	89.906	193,88	Marrocos	438.320	62.762	142,98
Hungria	440.180	51.963	118,05	Senegal	427.000	24.000	56,21
...	...	...	...	...	...	...	...
Outros	3.853.755	393.238	102,04	Outros	4.245.893	472.671	111,32
<b>Mundo</b>	<b>25.116.297</b>	<b>2.298.067</b>	<b>95,29</b>	<b>Mundo</b>	<b>25.736.947</b>	<b>2.452.683</b>	<b>95,30</b>

**Fonte:** FAOSTAT. Base de Dados Estatística. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2025).

## Maiores Exportadores Líquidos de Carne Ovina

O maior exportador líquido de carne ovina é a Austrália que obteve um resultado de 572.871,19 toneladas da diferença entre as suas exportações e as importações de carne ovina em 2023. Também a Nova Zelândia é uma expressiva exportador líquidos de carne ovina. Posteriormente, Irlanda, Grã Bretanha, Espanha e Uruguai estão em um grupo intermediário de exportadores líquidos. Por último, mas não menos importantes destacam-se Tanzânia, Índia, Paquistão e Quênia (Tabela 6).

**Tabela 6.** Os 10 países maiores exportadores líquidos de carne ovina em 2023.

País	Exportação de carne ovina (toneladas)	Importação de carne ovina (toneladas)	Exportação líquida de carne ovina (toneladas)	Valor de exportação de carne ovina (1.000 USD)	Valor de importação de carne ovina (1.000 USD)	Valor de exportação líquida de carne ovina (1.000 USD)
Austrália	574.236,04	1.364,85	572.871,19	2.957.619,00	6.501,00	2.951.118,00
Nova Zelândia	384.251,90	3.134,43	381.117,47	2.280.145,00	13.497,00	2.266.648,00
Irlanda	52.781,30	5.369,93	47.411,37	422.821,00	37.715,00	385.106,00
Grã-Bretanha	84.513,71	48.470,08	36.043,63	679.301,00	302.809,00	376.492,00
Espanha	41.608,46	6.178,11	35.430,35	268.827,00	52.492,00	216.335,00
Uruguai	20.446,95	254,53	20.192,42	90.191,00	1.537,00	88.654,00
Tanzânia	10.974,21	1,34	10.972,87	51.232,00	6,00	51.226,00
Índia	9.960,73	349,93	9.610,80	71.978,00	3.104,00	68.874,00
Paquistão	9.300,74	49,40	9.251,34	73.776,00	159,00	73.617,00
Quênia	8.156,84	0,44	8.156,40	39.718,00	1,00	39.717,00
Outros	98.833,11	356.566,36	-257.733,25	1.727.242,00	7.522.743,00	-5.795.501,00
<b>Mundo</b>	<b>1.361.494,18</b>	<b>1.300.881,37</b>	<b>60.612,81</b>	<b>8.246.259,00</b>	<b>8.251.437,00</b>	<b>-5.178,00</b>

Fonte: FAOSTAT. Base de Dados Estatística. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2025).

## Considerações finais

A produção mundial de carne ovina atingiu 11,53 milhões de toneladas em 2023, estando altamente concentrada em poucos países. Os dez maiores produtores respondem por cerca de 63% desse total, com a China na liderança (24,39%), seguida pela Índia (9,90%) e Austrália (7,36%). Há dois grandes perfis produtivos: os sistemas extensivos de larga escala em países como Austrália e Nova Zelândia, que se beneficiam de economia de escala, genética avançada e logística integrada; e os sistemas fragmentados, de base familiar, em regiões áridas ou semiáridas (Norte da África, Oriente Médio), onde a ovinocultura cumpre papel socioeconômico local, mas com altos custos de produção e baixos rendimentos de carcaça.

Em 2023, foram exportadas 1,36 milhão de toneladas de carne ovina fresca ou refrigerada, com a Austrália (42,18%) e Nova Zelândia (28,22%) dominando o comércio internacional; no mesmo ano, as importações alcançaram 1,30 milhão de toneladas, lideradas pela China (34,79 %), seguida por França (9,14 %) e EUA

Boletim Nº 28 | Sobral, CE, abril, 2025. Principais Países Exportadores e Importadores de Carne Caprina no Mundo em 2023.

(8,73 %). O Brasil produziu 109,97 mil toneladas em 2023 (0,95 % do total) e exportou apenas 97,58 toneladas (0,01 % do mercado), movimentando USD 952 mil dólares americanos, o que coloca o Brasil como país a margem do mercado de exportações de carne ovina.

Esta posição do Brasil frente ao mercado mundial reflete o foco apenas no mercado interno, baixa escala produtiva, infraestrutura de frigoríficos e portos ainda limitada, além de poucos programas de certificação sanitária e promoção à exportação. Nos próximos anos, o Brasil pode expandir sua participação exportadora ao: promover clusters integrados (produtores → frigoríficos → exportadores) para ganhar escala, qualidade e regularização da oferta do produto. Para isso será necessário, incrementar a infraestrutura de frio, habilitação de plantas e cadeias de logística refrigerada até portos, ampliar os serviços de inspeção sanitária habilitados para exportação (SIF), conquistar certificações de padrão de qualidade reconhecidas mundialmente (como por exemplo, certificado Halal, Kosher) e implementar programas de melhoramento genético para elevar o padrão de qualidade.

Fora da porteira, o Brasil deve investir e desenvolver estratégias de marketing em mercados emergentes (Ásia, Oriente Médio) que buscam cordeiro diferenciado. Essas iniciativas, alinhadas a políticas públicas de fomento e extensão rural, poderão transformar o Brasil em um player relevante no comércio global de carne ovina. Apesar dos desafios, algumas tendências positivas podem contribuir com o desenvolvimento da cadeia produtiva, tais como a valorização dos produtos com origem na agricultura familiar, a crescente demanda por alimentos saudáveis e nutritivos. A inovação tecnológica por meio da inclusão e adoção de tecnologias poderá aumentar a eficiência dos sistemas de produção. O fortalecimento do sistema agroindustrial da ovinocultura brasileira poderá desempenhar um papel importante no ganho de escala, qualidade e agregação de valor a carne ovina, e conseqüentemente, promover o acesso a mercados e a geração de emprego e renda na cadeia produtiva. Para isso é crucial o investimento em tecnologia, qualificação e aprimoramento da qualidade dos produtos para atender às exigências do mercado. Ademais, é necessário o suporte de políticas públicas que promovam a produção sustentável e incentivem a comercialização dos produtos.

## Referências

FAOSTAT. **Production**. Crops and livestock products. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/>>. Acessado em: 28 fev. 2025.

FAOSTAT. **Trade**. Crops and livestock products. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/>>. Acessado em: 28 fev. 2025.



### Embrapa Caprinos e Ovinos

Fazenda Três Lagoas, Estrada Sobral/Groáiras, Km 4 Caixa  
Postal: 71 CEP: 62010-970 - Sobral - CE  
Fone: (88) 3112-7400  
[www.embrapa.br](http://www.embrapa.br)  
[www.embrapa.br/fale-conosco/sac](http://www.embrapa.br/fale-conosco/sac)

### CIM

**Centro de Inteligência e Mercado de Caprinos e Ovinos**  
[www.embrapa.br/cim-inteligencia-e-mercado-de-caprinos-e-ovinos](http://www.embrapa.br/cim-inteligencia-e-mercado-de-caprinos-e-ovinos)  
[cnpc.cim@embrapa.br](mailto:cnpc.cim@embrapa.br)

Boletim CIM Nº 28  
Sobral, CE – abril, 2025

### Ficha técnica

Supervisão editorial: Cicero Cartaxo de Lucena  
Normalização bibliográfica: Tânia Maria Chaves Campêlo  
Projeto gráfico: Maira Vergne Dias  
Editoração eletrônica: Maira Vergne Dias  
Revisão de texto: Tânia Maria Chaves Campêlo

### 1ª edição

Publicação digitalizada (2025)